



REVISTA OFICIAL DA ORQUIDÁRIO

Orquidário

Volume 13 - nº 1

Carajás

uma iniciativa
de preservação

16th

World Orchid
Conference
Vancouver

Orquidário

Volume 13 - n° 5

Comissão Editorial:

Carlos A. A. de Gouveia, Carlos Eduardo Martins
Carvalho, Maria da Penha K. Fagnani,
Raimundo A. E. Mesquita e Waldemar Scheliga

Editor:

Carlos Ivan da Silva Siqueira

A revista circula a cada trimestre e é distribuída, gratuitamente, aos sócios da Orquidário.

Deseja-se permuta com publicações afins.

Artigos e contribuições devem ser dirigidos à Comissão Editorial, datilografados em uma só face de papel formato A4, em espaço duplo ou em disquete, com cópia impressa, gravado num dos seguintes editores de texto: PageMaker 6.0, Word 7.0 ou qualquer aplicativo compatível com o Windows 95.

Aceitos, os trabalhos remetidos serão publicados num dos números seguintes. Os rejeitados poderão ser devolvidos ao autor, desde que os tenha solicitado e remetido os selos para postagem.

Fotografias devem conter indicação do motivo da foto e identificação do autor. Fotos em preto e branco ou cromos coloridos devem vir acompanhadas de negativo. Podem os autores de fotos, mediante prévia combinação com o editor, remeter fotolito já preparado para impressão.

Propaganda e matéria paga, com indicação de mês para publicação, deverão ser remetidas com 2 meses de antecedência, reservando-se a revista de rejeitar sem explicitação de motivos.

O título *Orquidário* é de propriedade de Orquidário e está registrado no INPI, tendo sido feito, também, o depósito legal na Biblioteca Nacional.

Qualquer matéria, fotografia ou desenho publicado sem indicação de reserva de direito autoral (c) pode ser reproduzido para fins não comerciais, desde que se cite a origem e se identifiquem os autores.

Correspondência:

Deve ser dirigida à Orquidário,
Rua Visconde de Inhaúma, 134 / 427,
Centro - Rio de Janeiro - RJ - CEP 20091-000
Telefax: (21) 233-2314

Projeto gráfico e diagramação:

JLS Editoração Eletrônica - Tel.: 283-1569

Impressão: Impressora Velha Lapa



Revista trimestral publicada pela Orquidário
ISSN 0130-6750

▼ **Diretoria - Biênio 1999/2000**

Presidente: Paulo Damaso Peres

Vice-Presidente: José Luiz Bartolo

Diretor da Área Técnica: Roland Brooks Cooke

Diretor da Área de Relações Comunitárias:

Marta Guglielmi

Diretor da Área Administrativo-Financeira:

Mario Karpinskas

Departamentos:

Pesquisa, Cultivo e Cursos: Carlos Eduardo
Martins Carvalho

Biblioteca: Sylvio Rodrigues Pereira

Ensino: Maria da Penha K. Fagnani

Eventos e Relações Comunitárias: Marlene
Paiva Valim

Secretária da Diretoria: Nilce Carlos

▼ **Presidentes Anteriores:**

1- Edward Kilpatrick, 1986/1987 (†)

2 - Álvaro Pessôa, 1987/1990

3 - Raimundo A. E. Mesquita, 1990/1994

4 - Hans O. J. Frank, 1994/1996

5 - Carlos A. A. de Gouveia, 1997/1998

▼ **Conselho Deliberativo - 1999/2000**

Membros: Hans O. J. Frank, Antonio Clarindo
Rodrigues, Mauricio Verboonen, José Lousada,
Carlos Ivan da Silva Siqueira

Preços / Rates	1 ano/ 1 year	2 anos/ 2 years	3 anos/ 3 years
Filiação e contribuição anual	R\$ 50,00	R\$ 90,00	R\$ 135,00
Overseas Subscription Rates	US\$ 40	US\$ 70	US\$ 110

Via aérea, acrescentar R\$ 20,00/ano - By air mail, US\$ 20 per year

Editorial 124

**Austrália - na terra dos cangurus,
coalas e de muitas outras
coisas interessantes** 125

Por Maria do Rosário

Sophronitis 128
Por Álvaro Pessôa

Prólogo à OrquidaRio 130
Por Raimundo Mesquita

***Cattleya loddigesii*
x *Cattleya harrisoniana*** 133
Por João Paulo

Carajás - uma iniciativa de preservação

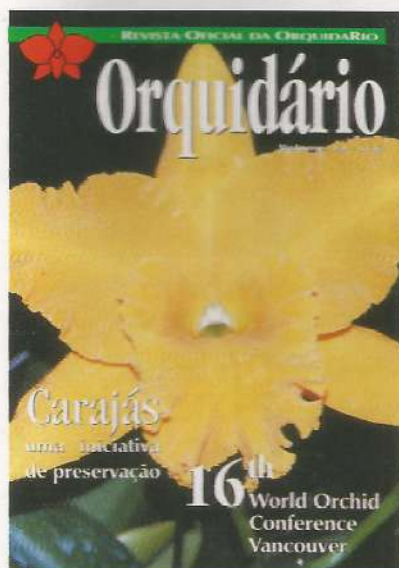
Por Anna Luiza Ilkiu-Borges, André Luiz de Rezende Cardoso,
Euzamar Cardoso da Silveira Lima e Noé C. B. von Atzingen

16th World Orchid Conference Vancouver 143
Por Carlos Antonio A. de Gouveia

**Nossos Orquidários
soluções domésticas** 145
Por Maria da Penha K. Fagnani

Erratas 149
Nas livrarias

Seções



Planta da capa:

Potinara Haw Yuan Gold 'D.J.'

Este cruzamento de Pot. Lemon Tree x
Blc. Tassie Barbero, apresentado por
Taiwan Floriculture, foi a grande campeã da 16th WOC.
A planta foi adquirida pela Aranda, sendo, portanto,
de se esperar novidades para breve, quer como meristemas,
quer como cruzamentos com este magnífico clone.



Den Yamamoto
Por Roberto Agnes

Capa

Mais do que um *slogan*, esse é um desafio para todos nós, sócios da OrquidaRio

1000 antes de 2000



Uma Sociedade é tão forte quanto maior for a participação de seus sócios. Hoje contamos com aproximadamente 600 sócios contribuintes distribuídos pelo Brasil. Provavelmente, somos na orquidofilia brasileira a Sociedade com o maior número de sócios ativos e com uma atuação dinâmica e ininterrupta ao longo dos últimos 13 anos...

Mas, precisamos de mais! Precisamos aumentar o nosso quadro social, precisamos que haja maior participação de todos, precisamos fazer mais.

Por isso, estamos lançando esse desafio. Se cada um de nós trazer um único

sócio, chegaremos ao ano 2000 com um quadro social acima de 1000 sócios.

Isso equivale a dizer que teremos mais recursos humanos e financeiros para atingir e ampliar os nossos objetivos.

Acabamos de reformar nossa sede própria, estamos regularizando a edição de nossa revista, lançamos o boletim mensal e ainda este mês estaremos com nossa página na Internet. Mas, ainda há muito por fazer, e por isso precisamos de todos os nossos sócios.

**Entre nessa corrente.
Traga um sócio para a OrquidaRio!**

CRÉDITOS DAS ILUSTRAÇÕES

Capa: *Potinara Haw Yuan Gold 'D. J.'* - Roberto Agnes

Índice: *Den Yamamoto* - Roberto Agnes

Págs. 125 a 127: *Dendrobium speciosum*, *Prasophyllum* e *Epidendrum* - Maria do Rosário

Págs. 128 e 129: *Sophronitis* - Álvaro Pessôa

Págs. 130 e 131: Carlos Ivan

Págs. 133 a 136: *C. loddigesii* var. *rubra* "Sonho Meu", *C. harrisoniana* var. *suave* "Marajá", *C. loddigesii* var. *venosa* "Sangue Real", *C. loddigesii* var. *venosa* "Romeu", *C. loddigesii* var. *punctata* "Flor do Campo", *C. loddigesii* var. *punctata* "Sheherazade", *C. loddigesii* var. *lilás* "Valsa do Adeus",

C. loddigesii var. *caerulea* "Blue Moon", *C. loddigesii* var. *lilás* "Porta bandeira", *C. loddigesii* var. *alba* "Vesúvio", *C. loddigesii* var. *estriata* "Couvoisier", *C. loddigesii* var. *suave* "Musa", *C. loddigesii* var. *maculata* "Caipira", *C. harrisoniana* var. *rubra* "Pé de Serra", *C. loddigesii* var. *punctata* "Vamp" - João Paulo

Págs. 137 a 142: André Cardoso

Págs. 143 e 144: *Paphiopedilum* Prince Edward York, *Paphiopedilums* híbridos, *Phalaenopsis* rosa e branco, *Phragmipedium* David Fisher - Roberto Agnes

Págs. 145 a 147: Carlos Ivan

Pág. 149: Ilustração de Dulce Nascimento - Carlos Ivan

Austrália



na terra dos
cangurus, coalas
e de muitas
outras coisas
interessantes

Por Maria do Rosário

Tivemos a oportunidade de morar em Sydney, Austrália, entre julho de 98 e janeiro de 99.

Sydney, capital do Estado de New South Wales, fica na costa sudeste da Austrália, aproximadamente na mesma latitude que Buenos Aires (34 Sul). Nossa família chegou em pleno inverno e chovia muito (agosto de 98 foi o agosto mais chuvoso da década) e fazia frio (12 a 15° C durante o dia). No meio da paisagem cinza, a primeira impressão colorida foi um híbrido de *Epidendrum* florido, na porta da casa que alugamos. E esta mesma touceira, que me encantou no primeiro dia, permaneceu florida até a nossa saída, seis meses depois!

Logo descobri que este *Epidendrum* é muito comum nos jardins ao redor de Sydney. Tão comum que alguns australianos acham que a *crucifix orchid* (eles têm nomes populares para quase todas as orquídeas nativas) é nativa de lá! Na verdade, sua grande distribuição nos jardins do Estado de New South Wales



Foto: Maria do Rosário

Linda touceira de *Dendrobium speciosum*, crescendo epifiticamente em um jardim, próximo ao Dorrigo Nat. Park, a cerca de 1000m de altitude

é testemunho de um aspecto interessante da orquidofilia australiana: até cerca de 30 anos atrás era fácil introduzir plantas exóticas no país. Foi naquela época que espécies de *Zygopetalum*, *Cattleya*, *Laelia*, *Epidendrum*, *Promenaea* e várias outras de diversos gêneros brasileiros começaram a ser cultivadas por eles. Hoje, a Austrália é considerada como um dos países onde é mais difícil a entrada de plantas.

Por estar em uma latitude bem mais ao sul, Sydney tem as estações mais marcadas do que na região sudeste brasileira, principalmente quando se está prestando atenção às flores.



O final de agosto chegou com uma explosão de flores. Nos jardins e no *bush* (vegetação herbácea aberta e de grande diversidade botânica). É o pico de floração de *Dendrobium*. Nos jardins, grandes plantas de *Den. speciosum*, crescendo

entre pedras, a meia sombra, mostravam lindos cachos. Infelizmente, naquela época, ainda não sabia onde ir procurar as outras espécies em parques ao redor da cidade. Mas, às vezes, em caminhadas por parques e reservas, esbarrava em algumas coisas interessantes e inesperadas... Em uma área de reserva no subúrbio de Castle Cove, onde morávamos, vimos uma pequena população de *Thelymitra* sp., já com suas flores azuis murchas, crescendo no solo rico em folhas, sob a sombra rala de uma floresta de *Eucalyptus*. E no *bush* em um platô calcário, no Pq. Nacional de Brisbane Water, encantei-me com algumas plantas de *Prasophyllum elatum*, também terrestre, com uma haste floral de mais de 50cm de altura, crescendo na beira da estrada sob uma sombra rala.

Nessa época, por toda a Austrália realizam-se inúmeras exposições, muitas delas em cidades pequenas ou subúrbios, e algumas nacionais. Uma delas foi a National *Cymbidium* Show, realizada em um subúrbio de Sydney e organizada pela The Australian *Cymbidium* Soc. Inc. Hoje, a Austrália é, provavelmente, o país onde os *Cymbidium* são mais populares. O salão da exposição/vendas estava repleto de espécies e híbridos de *Cymbidium* grandes, médios e pequenos, eretos ou pendentes, de brancos a marrons, passando por todos os tons do amarelo ao vermelho. A *grand champion* (e campeã de flores intermediárias) foi a *Cym. Akebono* 'Dural'.

Foi também nesse período que se realizou a 6 th Asia Pacific Orchid Conference, em Townsville, uma cidade de 150 mil habitantes, a nordeste do Estado de Queensland. Fui só para assistir, mas meu marido, Dr. Tim Moulton, foi convidado para dar uma palestra sobre *The Atlantic Rainforest of Brazil*:

biodiversity hotspot # 2, ilustrada por slides cedidos por David e Isabel Miller, além de Roberto Agnes. Tim, que poucos orquidófilos conhecem, é um biólogo australiano que, há 12 anos, vem trabalhando com Ecologia da Mata Atlântica. Em Townsville fomos muito bem recebidos por Mick Keith e sua simpática família (Keiths Nursery), que estiveram no Rio em 96. Havia expositores de vários locais da Austrália e alguns estrangeiros. A meu ver, apesar da grande diversidade de plantas expostas, o destaque do show foram os diversos *Paphiopedilum*. A belíssima planta que ganhou o prêmio de *Grand Champion Orchid* e espécie campeã foi: *Paphiopedilum rothschildianum* "Q'lander" FCC/AOC-QOS 1994. As palestras apresentadas foram divididas entre científicas e horticulturais. Entre as primeiras, chamou-me atenção o trabalho do Dr. Mark Clement sobre a embriogênese de várias espécies do que hoje conhecemos



Foto: Maria do Rosário

Maria do Rosário examina alguns exemplares de *Prasophyllum elatum* crescendo na beira de uma estrada

como *Dendrobium*. Entre as palestras sobre horticultura, o trabalho de 20 anos de hibridização das Vandaeae, por Martin Motes (Motes Orchids), foi o grande destaque. Duas semanas depois participei, em Sydney, do congresso internacional *Monocots II*, que é um fórum científico com uma seção inteira só dedicada à família *Orchidaceae*. Lá, ao lado da Dra. M. do Carmo do Amaral (professora da Unicamp, que começa a orientar teses em taxonomia de orquídeas), assisti a várias contribuições científicas. O fórum terminou com a palestra do Dr. Mark Chase, do Royal Botanical Gardens, Kew, que trabalha com biologia molecular de diversos grupos e que concluiu dizendo que o aglomerado de espécies que hoje conhecemos como *Oncidium* deverá ser um dos maiores desafios a ser encarado nas orquídeas.

No final de setembro fizemos uma viagem de carro, percorrendo os 1000km entre Sydney e Brisbane. Brisbane é a capital do Estado de Queensland que fica a nordeste da Austrália e, para podermos comparar, situa-se aproximadamente na mesma latitude que Florianópolis, SC (27 S). No caminho passamos pela floresta pluvial do Dorrigo Nat. Park (30 S, 1000m de altitude) e do Lamington Nat. Park (28 S, 1200m de altitude). *Dendrobium speciosum* (epilítica) e *Den. tarberi* (epífita), duas espécies bem próximas, estavam em flor, formando grandes touceiras. *Dendrobium tarberi* cresce no alto das árvores, procurando maior luminosidade. A floresta tropical pluvial australiana é formada por árvores altas e frondosas, cobertas por epífitas, incluindo algumas orquídeas pequenas que não pude identificar por estarem sem flor. Sentimos a ausência das bromélias, tão comuns entre nós - mas enormes samambaias epífitas (*Asplenium spp.* e *Platyserium bifurcatum*) aparentemente ocupam um nicho ecológico semelhante.

Durante aquela visita aproveitei para visitar dois orquidários comerciais:

1) Easy Orchids, de Murray e Jean Shergold, localizado em Woodburn, NSW, e especializado em espécies tropicais não australianas;

2) Florafest Orchids, dirigido por John e Jean Wolf, em Toowoomba, Qld, famoso por seus lindos híbridos de *Zygopetalum*.



Foto: Maria do Rosário

Epidendrum híbrido muito comum nos jardins de Sydney

Nestas visitas aprendi um entre vários aspectos que distinguem os orquidários comerciais australianos dos nossos. Como a população australiana é pequena (em torno de 15 milhões de habitantes), mesmo com um número relativamente alto de orquidófilos, eles estão muito espalhados naquele território quase tão extenso quanto o Brasil. Portanto, não é lucrativo manter uma área de vendas permanentemente aberta, como faz a maioria dos orquidários brasileiros. Na Austrália, a maioria absoluta das vendas é feita através do correio e, em quase todos, as visitas devem ser agendadas antes.

Aos poucos fui fazendo contatos no meio orquidófilo e as portas foram se abrindo. A nova época de floração - fim da primavera / início do verão - trouxe novas surpresas, como contarei na continuação deste artigo na próxima revista. ▼

Maria do Rosário de A. Braga - Orquidário Quinta do Lago - Rua Domingos José Martins, 195 - CEP 25725-110 - Petrópolis - RJ - E-mail: qlago@alternex.com.br

Sophronitis

Por Álvaro Pessoa

Símbolo da Sociedade Brasileira de Orquidófilos - OrquidaRio, o gênero *Sophronitis* permanece como um dos mais delicados e belos exemplos de orquídea nativa brasileira.

Verdadeiro patrimônio nacional, o gênero fiel e patrioticamente só floresce no Brasil (*) em suas 7 (sete) espécies já conhecidas, identificadas e descritas por botânicos ilustres, desde o século passado e que são as seguintes:

- ▼ *Soph. bicólon* - Francisco Miranda
- ▼ *Soph. açuensis* - Fowlie J.
- ▼ *Soph. pygmaea* - Hortorum
- ▼ *Soph. cernua* - Lindley J.
- ▼ *Soph. wittigiana* syn. *roseum* - Barbosa Rodrigues

▼ *Soph. coccinea* - (Lindley J.) Reichenbach H. G.

▼ *Soph. brevipedunculata* - Cogniaux A. (Fowlie J.)

Tratando-se de um texto preparado para visita em nosso site, parece-nos oportuno esclarecer que o nome dos botânicos, em seguida às espécies por eles descritas, é praxe internacional e forma de homenagear pessoas que deram a saúde e, às vezes, a vida pela ciência.

Vamos agora ao nome da planta. SOPHRON, em grego, significa modesto ou discreto. Daí o nome que Reichenbach deu à

planta da espécie *coccinea*, em vista de suas pequenas dimensões. A planta foi inicialmente coletada em Bananal, São Paulo, e a ela se dera, originalmente, o nome de *Epidendrum Poinceau*. *Coccinea* deriva também do grego e significa vermelho ou escarlate. Só depois é que Reichenbach viria a ver que se descobrira não apenas uma nova espécie, mas um gênero próprio.

Quando o Imperador D. Pedro II convidou, em meados do século passado, o nobre alemão e botânico Von Martius para descrever e catalogar a flora nacional, estava semeando boa dose de confusão na ciência brasileira. É que Von Martius convida para descrever a parte das orquídeas o belga Alfred Cogniaux. Ao fazê-lo, estava discriminando o genial botânico fluminense Barbosa Rodrigues, um gigante entre os orquidófilos mundiais.

Barbosa Rodrigues descrevera, inclusive, uma das espécies de *Sophronitis* brasileiro, o *Soph. wittigiana* ou *roseum*, o único que se afasta do padrão vermelho, já que sua cor é rosa pálido ou vivo, mas nunca escarlate. De fato, são de variação diversa do vermelho todos os outros, exceção feita ao *Soph. cernua*, cor de abóbora ou laranja. Nosso maior orquidófilo recusou-se, durante 12 anos, a fornecer seus desenhos e pranchas ao belga Cogniaux, mas afinal, cedeu em nome da ciência.

Quanto à utilização das espécies de *Sophronitis* brasileiras em hibridação, em sua maior parte elas ficam circunscritas aos cruzamentos com *Soph. coccinea*. Maurício Verboneen trabalhou um pouco com a *roseum*, mas o número de cruzamentos não foi significativo.

Foto: Álvaro Pessôa



O gênero é uma verdadeira usina geradora de força. Em experiência recente, Francisco Miranda, botânico de grande projeção internacional, cruzou *Sophronitis coccinea* com 4 (quatro) espécies brasileiras de grande porte, a saber: *C. amethystoglossa*, *L. angererii*, *C. guttata* e *C. granulosa*. O resultado da pesquisa é que todos os híbridos resultantes não tinham mais do que 18 a 20cm de altura. Nenhuma espécie tem resistido ao potencial genético da *Sophronitis*, tal é a sua capacidade redutora do tamanho de outras plantas.

Quanto à progênie de cor vermelha, é monopólio de espécies brasileiras, via *Laelia milleri* e *Sophronitis*, a capacidade de transmitir tal cor, que tem dado ao mundo e aos orquidófilos brasileiros lindíssimos resultados e belíssimos híbridos.

Onde quer que uma orquídea vermelha do grupo das *Cattleyas* floresça, o símbolo da nossa OrquidaRio estará presente. ▼

(*) A única exceção é a *Soph. cernua*, encontrada na fronteira Brasil/Paraguai.



A OrquidaRio precisa de você



Colabore, divulgue a sociedade. Traga novos sócios, idéias e sugestões. Contribua para o Fundo de Apoio à OrquidaRio.



Foto: Carlos Ivan



Exposição internacional de 1994
no Museu de Arte Moderna

Prólogo à OrquidaRio

Por Raimundo Mesquita

Vou apresentar-lhes a OrquidaRio, que foi criada como Orquidófilos Associados do Rio de Janeiro, pequena sociedade civil constituída em 1986 e que reunia uns quantos dissidentes (pouco mais de 20, sendo que, nesse número, nem todos eram orquidófilos, mas foram instados a participar apenas para fazer número...) de uma outra sociedade, a Sociedade Brasileira de Orquidófilos (SBO), que já dava sinais da esclerose senil, comum às organizações estagnadas e que passam a ser controladas por um só grupo de interesses.

Nesses 13 anos a OrquidaRio cresceu, encorpou e está, hoje, entre as maiores e mais importantes sociedades mundiais de amadores de orquídea, pela qualidade, quantidade e distribuição geográfica de seus sócios, disseminados por praticamente todos os continentes, contando entre os assinantes da revista que publica, *Orquidário*, entidades de importância como o Jardim Botânico inglês, o Kew Gardens, a Biblioteca do Herbário Oak Ames da Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, e a Sociedade de Ciências Naturais da Venezuela. No Brasil, além da Biblioteca Nacional, também recebem a revista a Biblioteca do Jardim Botânico do Rio de Janeiro e por aí afora. Conta, outro tanto, com associados singulares, como David

Brown, ex-Presidente da American Orchid Society e das Conferências Mundiais de Orquídeas, Rudolf Jenny, da Suíça, Karlheinz Senghas, para só citar alguns mais eminentes dentre os estrangeiros, já que os brasileiros são em tão expressiva quantidade, que tornaria impossível citar todos e para destacar alguns poderia estar cometendo injustiças.

Suas publicações são lidas, em média, por três pessoas, como se apurou em pesquisa recente, o que demonstra o poder de disseminação de idéias de que desfruta.

Agora, a partir de março deste ano de 1999, se chama OrquidaRio - Sociedade Brasileira de Orquidófilos S. C. Como foi que isto aconteceu?

É que vou tentar contar-lhes, neste que pretende ser um prólogo à história da OrquidaRio e permitam os fados que nem eu, nem ninguém tenha que escrever um epílogo...

Quem vai escrever uma apresentação ou uma pequena história de uma sociedade orquidófila tem, logo, a tentação de traçar um paralelo com o hábito e biologia da orquídea. É o que vou fazer, nada original!...

O Nascimento

Devo dizer que a OrquidaRio nunca passou pela condição de *seedling*, já que foi transplantada a partir de um "corte" (por sorte, de pseudobulbos dianteiros, já que os traseiros e dormentes tinham ficado na velha organização, de tantas glórias e nomes importantes de antigos orquidófilos, mas já entregue à decadência que é comum nas coleções que envelhecem e não se renovam).

O tempo passou e a SBO, de tão belo passado, de Luiz de Mendonça, Guido Pabst, Rolf Altenburg, para só citar alguns monstros sagrados da orquidofilia no Estado do Rio, quase sucumbiu, e os seus poucos bulbos, desidratados, já sem folhas, pereciam, quando nós da OrquidaRio concluímos que ou socorriamos a vetusta entidade, ou ela acabava. Perdia-se um enorme patrimônio intelectual, e um acervo patrimonial importante desapareceria para pagar dívidas que se acumulavam.

Praticou-se um gesto de grandeza que bem ilustra o *animus*, a *anima* da OrquidaRio e dos que lhe dão vida, fundiram-se as duas sociedades e aquela noite de março de 1999 foi como deveria ter sido aquela noite de há 13 anos...

Posto que não teve que passar pelo lento

processo de crescimento, a OrquidaRio, já no primeiro ano de existência, produziu uma bela floração que era a primeira, uma bela exposição, a que se deu o nome de Orquídea Collection (assim mesmo, Orquídea, em português, para que as pessoas soubessem do que se tratava, e Collection, em inglês, para o toque mágico de uma língua estrangeira, como praticado na publicidade...)

A mostra foi num sofisticado shopping da Zona Sul do Rio. Essa série estendeu-se por alguns anos, deu bons resultados, permitiu a descoberta de novos cultivadores (eu me incluo entre esses, pois me tornei sócio e assíduo freqüentador, já na primeira exposição), tornou-se uma espécie de tradição, pois a mostra incluiu-se no calendário da cidade e despertou o interesse de outros shoppings, já que era uma forma barata de publicidade para os empresários, pois que a única coisa que despendiam os administradores desses locais era o espaço que nos cediam em troca de atrairmos grande quantidade de visitantes, o que sempre ocorria.

A partir da primeira florada, a OrquidaRio não mais parou de florir. Em alguns casos, até mais de uma vez ao ano, foram feitas exposições em shoppings da cidade, em universidades, em clubes e até mesmo em museus, como foi o caso da série que se realizou no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, treinando-nos e nos preparando para o

Se me pedissem para definir a OrquidaRio em poucas palavras, eu diria que é o local onde se renova o amor pelas orquídeas e por sua preservação

Exposição Orquídea Collection de 1990 no Rio Design Center



Foto: Carlos Ivan

evento maior da história, curta, mas já tão densa, da sociedade, qual seja a realização da XV Conferência Mundial de Orquídeas, que se cumpriu, com inteiro êxito, em setembro de 1996. Vejam bem, 10 anos depois de fundada, a OrquidaRio já entrava para a história da orquidofilia mundial como sociedade hospedeira daquele que foi considerado um dos melhores congressos orquidófilos dentre os já muitos realizados até hoje.

O Nome

Como tantos outros eventos históricos de relevância social, a OrquidaRio foi criada num bar, o Bar Luiz, no centro do Rio, para onde se tinham dirigido os que tiveram a feliz idéia, certamente para afogar, com um bom chope, as mágoas e irritações por não terem podido renovar através de eleição não viciada os quadros dirigentes da antiga sociedade, a SBO. Criada, a sociedade devia ter um nome e uma sede.

É claro que todas essas coisas não aconteceram no bar. O nome de fantasia, que é uma das razões do sucesso da associação, OrquidaRio, foi sugerido por Ziraldo, o grande cartunista mineiro. Não que seja orquidófilo ou tenha participado da fundação, mas pela circunstância de ser parente próximo de Manuel Martins, um dos fundadores da OrquidaRio (que está entre os que chamo de paraorquidófilos, pelo fato de, não sendo um militante do cultivo, ter sido fundador, pois ligado a importante cultivador, no caso cultivadora, Ivana Zubic, sua namorada, assim como para citar outro exemplo típico do que eu disse quanto a nem todos fundadores serem orquidófilos, como é o caso de Cecília Pessoa e Sandra Frank, esposas de Álvaro Pessoa e de Hans Frank, ambos, como eu, ex-presidentes, que também não são cultivadores, mas que praticam uma orquidofilia bem mais difícil, cultivam orquidófilos...).

**Registra a história que
a invenção do nome teria sido assim:**

▼ **Manuel Martins:** Ziraldo, eu queria que você nos ajudasse a dar um nome expressivo

a uma sociedade de amadores de orquídeas que acabamos de criar aqui no Rio.

▼ **Ziraldo:** É simples. O nome que vocês dão à estufa onde cultivam suas plantas não é orquidário? Pois então, já que é no Rio a sociedade, fica sendo OrquidaRio, assim com esse traço em baixo para graficamente destacar a localização, igualzinho à Petrobrás, que com o sublinhado destaca a sua condição de ser do Brasil...

Com a logomarca foi mais complicado. Fizeram um concurso, depois de já terem escolhido a flor-símbolo, *Sophronitis coccinea* (nunca perguntei, mas também não tenho dúvidas de que a idéia da flor foi de Álvaro Pessoa, na época um apaixonado dessa, como de todas as *Sophronitis*, e que, sobre elas, escreveu, deu palestras, fotografou-as e todos sabem que são suas e dessa flor algumas das melhores fotos publicadas em *Orquidário*, a revista da sociedade). Para comprovar, lembro que era de *Sophronitis coccinea* o símbolo floral do Grupo Serrano de Teresópolis do qual Álvaro foi um dos criadores. O concurso, depois de muita briga e discussão, foi ganho por um dos sócios fundadores e a logomarca é o feliz resultado de todos conhecido. Infelizmente nada disso foi documentado nos registros da sociedade.

A primeira sede foi instalada, precariamente, numa chácara que um dos fundadores, Luiz Clemente Ferreira de Souza, mantinha na Ladeira Novo Mundo, que liga Botafogo a Laranjeiras, bairros cariocas, e que naquele tempo não era perigosa como nos dias de hoje. Não podia existir endereço mais simbólico para uma sociedade que começava e pretendia renovar a maneira de ser e ver a orquidofilia.

Fico por aqui, já que me estendi um pouco mais do que caberia a uma pequena apresentação, que deve ser breve e rápida como o abrir de uma porta para dar passagem.

Se me pedissem para definir a OrquidaRio em poucas palavras, eu diria que é o local onde se renova o amor pelas orquídeas e por sua preservação.

Venha conhecer-nos! ▼



C. loddigesii var. *rubra*
"Sonho Meu"

Cattleya
loddigesii

X

Cattleya
harrisoniana

Por João Paulo



C. harrisoniana var. *suave* "Marajá"

Ao coletarmos dados históricos sobre a *Cattleya loddigesii*, encontramos informações contraditórias e confusas, relacionando-a com a *Cattleya harrisoniana*.

A *Cattleya loddigesii* foi a primeira *Cattleya* conhecida em cultivo.

Em 1810, Mr. E. J. S. Woodford enviou de São Paulo, Brasil, para Mr. Shepherd, que era diretor do Liverpool Botanic Garden, Inglaterra, várias mudas de uma orquídea que floresceram em 1811. Mr. Loddiges conseguiu uma muda dessa espécie e, em 1819, classificou-a como *Epidendrum violaceum*, descrevendo-a no *Botanical Cabinet* t.337.

Em 1823, John Lindley a enquadrou como pertencendo ao gênero *Cattleya*, nominando-a de *Cattleya loddigesii*, homenageando o seu proprietário, Conrad Loddiges.

Em 1836, Mr. Harrison, que residia no Rio de Janeiro, enviou para seus irmãos, em Liverpool, Inglaterra, algumas mudas de uma

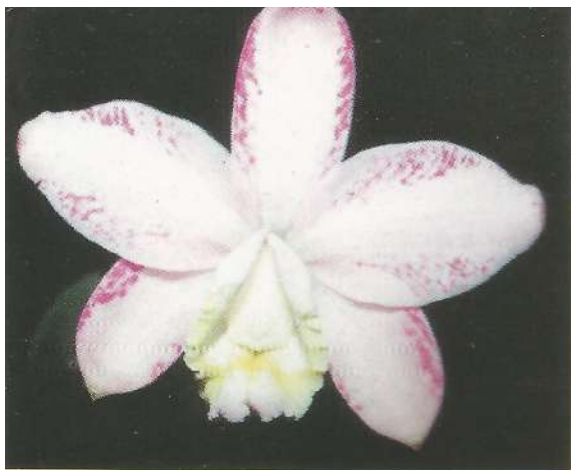
orquídea, classificada por James Bateman como *Cattleya intermedia* var. *harrisoniana*.

Em 1838, James Bateman, que era botânico do Instituto de Kew, na Inglaterra, reconsiderou a sua classificação, elevando-a à categoria de espécie distinta, nominando-a como *Cattleya harrisoniae*.

Durante muito tempo, a *Cattleya loddigesii* e a *Cattleya harrisoniana*, pela semelhança de suas flores, foram confundidas. Essa dúvida perdurou até bem pouco tempo.

F. C. Hoehne na sua *Iconografia de Orchidaceas do Brasil*, editada em 1949, pela Secretaria de Agricultura de São Paulo, na folha 242, considera a *Cattleya harrisoniana* como uma subespécie da *Cattleya loddigesii*, levando em conta as suas diferenças florais, como resultantes das condições climáticas dos seus habitats.

Augusto Ruschi, em seu livro *Orquídeas do Estado do Espírito Santo*, editado em 1986,



C. loddigesii var. *venosa* "Sangue Real"



C. loddigesii var. *venosa* "Romeu"



C. loddigesii var. *punctata* "Flor do Campo"



C. loddigesii
var. *punctata*
"Sheherazade"

registra algumas fotos, identificando-as como *Cattleya harrisoniana*.

Observando-se bem as duas espécies, vemos que suas características, apesar de semelhantes, são bem diferentes, inclusive as regiões onde são encontradas.

A *Cattleya loddigesii* é encontrada em regiões serranas, em altitudes que variam de 600/1000 m.s.m., em áreas alagadiças e em beira de rios. É localizada com maior predominância nos Estados de Minas Gerais e São Paulo, podendo ocorrer em menor incidência em áreas fronteiriças do Rio de Janeiro e Espírito Santo.

A *Cattleya harrisoniana*, ao contrário, é achada em regiões litorâneas, em terrenos baixos, mas alagadiços e com bastante luminosidade. Sua maior ocorrência é nos Estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo.

Outro fator que reforça essa distinção é que a *Cattleya loddigesii* tem o auge de sua floração no inverno, entre os meses de junho e agosto, indo às vezes até setembro. Dependendo da intensidade do frio pode florir esporadicamente entre dezembro e janeiro.

A *Cattleya harrisoniana* apresenta sua maior floração durante o verão, começando em fins de dezembro e indo até meados de fevereiro, não florescendo durante o inverno. O seu cultivo é bem mais difícil em regiões de clima frio e de alta altitude.

Um outro detalhe que ajuda a diferenciar uma da outra é que na *Cattleya loddigesii* as nervuras do labelo sob a coluna são muito menos pronunciadas do que na *Cattleya harrisoniana*, que as apresenta carnudas e rugosas. Os lóbulos laterais do labelo, que na *Cattleya loddigesii* são maiores e mais lisos, na *Cattleya harrisoniana* são mais crespos e mais rugosos.

As flores de ambas são pequenas, apresentando em suas hastes florais grande quantidade de flores, ressalvando-se que as da *Cattleya loddigesii* são normalmente maiores do que as da *Cattleya harrisoniana*.

Pertencem às *Cattleyas* bifoliadas. O perfume da *Cattleya loddigesii* lembra o do *Heliotrópio* misturado com rosas.

Vimos que, em 1887, Veitch considerou a *Cattleya harrisoniana* como uma var. da *Cattleya loddigesii*. Não devemos culpá-lo por isso, pois naquela época não deveria haver muitos exemplares dessas orquídeas em cultivo na Europa, sendo, portanto, muito difíceis suas análises e comparações.

▼ *Cattleya loddigesii*

John Lindley - 1823

Registro feito em *Collectanea Botanica* t.33-t.37

Sinônimos:

- ▼ **1819** - *Epidendrum violaceum* - registro feito por Loddiges no *Botanical Cabinet* t.337
- ▼ **1825** - *Epidendrum canaliculatum* - registro feito por Vellozo em *Florae Fluminensis* sub. (1790) - *Icones* 9 t.10
- ▼ **1838** - *Cattleya ovata* - registro feito por John Lindley no *Botanical Register* sub. (1919) (vide *C. intermedia*)
- ▼ **1843** - *Cattleya arembergii* - registro feito por Scheidweiler no *Allgemeine Gartenzeit* 11:109
- ▼ **1861** - *Epidendrum loddigesii* - registro feito por Reichenbach f. em *Walper's Annales Botanices Systematicae* 6:316



C. loddigesii var. *lilás* "Valsa do Adeus"



C. loddigesii var. *caerulea* "Blue Moon"



C. loddigesii var. *lilás* "Porta Bandeira"



C. loddigesii
var. *alba*
"Vesúvio"

▼ *Cattleya harrisoniana*

James Bateman ex. Lindley - 1836

Registro feito no *Botanical Register* 22 Sub. t.1919

Sinônimos:

- ▼ **1838** - *Cattleya harrisoniae* - registro feito por J. Bateman no *Paxton's Magazine of Botany* 4:247
- ▼ **1840** - *Cattleya harrisonii* - registro feito por P.N. Don. no *Florist's Journal*, p.183
- ▼ **1844** - *Cattleya intermedia variegata* - registro feito por Hooker no *Botanical Magazine* t. 4085
- ▼ **1845** - *Cattleya papeiansiana* - registro feito por Charles Morrem no *Annales de Botaniques de Gand* 1:57 t.5
- ▼ **1861** - *Epidendrum harrisonianum* - registro feito por Reichenbach f. em *Walper's Annales Botanices Systematicae* 6:317
- ▼ **1887** - *Cattleya loddigesii* var. *harrisoniae* - registro feito por Veitch no *Manual of Orchidaceous Plants, Cattleya*, p. 42



C. loddigesii var. *estriata* "Courvoisier"



C. loddigesii var. *suave* "Musa"



C. loddigesii var. *maculata* "Caipira"



Premiações Internacionais

Cattleya loddigesii

RHS AWARDS

NOME	RHS	ANO	EXPOSITOR
SUPERBA	AM	1894	R. I. MEASURES
CANIZZARO	AM	1897	SCHRODER
	AM	1936	WILSON

AOS AWARDS

NOME	AOS	ANO	EXPOSITOR
ESTELLE	CCM	1963	J. A. HINCHEY
IOLA STRACK	AM	1975	MRS. FRED AUBE.
20TH. ANNIVERSARY	AM	1975	LEC/AND STRACK

Cattleya harrisoniana

RHS AWARDS

NOME	RHS	ANO	EXPOSITOR
ALBA	FCC	1899	PAYNTER
STANLEY'S	FCC	1908	STANLEY

ODC AWARDS

NOME	ODC	ANO	EXPOSITOR
THE BEST	HCC	1961	MC. LELLAN

AOS AWARDS

NOME	AOS	ANO	EXPOSITOR
THE BEST	HCC	1961	MC. LELLAN
AZUL	HCC	1974	STEWART

Como se vê, no decorrer desses anos poucas foram as premiações concedidas a essas *Cattleyas*, o que comprova que eram pouco divulgadas nos meios orquidófilos.



C. loddigesii var. *punctata* "Vamp"

Cattleya loddigesii:

- ▼ Em 1885, a variedade *maculata* foi descrita no Stein's *Orchidenbuch*.
- ▼ Em 1898, na *Orchid Review*, vol. 8, p. 264, temos a descrição de uma variedade *alba*.

Ao ilustrar este histórico, apresento neste trabalho, compilado de alguns livros e revistas, as fotografias de algumas plantas de minha coleção. ▼

C. harrisoniana var. *rubra* "Pé de Serra"



Carajás

uma iniciativa
de preservação

A Serra dos Carajás é uma imensa
província mineral, situada
na Amazônia Oriental, coberta
quase em sua totalidade por vegetação natural.

Até por volta de 1967, quando foram descobertas as primeiras jazidas de minério
em Carajás, eram poucas as informações sobre a vegetação daquela região.

Por Anna Luiza Ilkiu-Borges ⁽¹⁾
André Luiz de Rezende Cardoso ⁽¹⁾
Euzamar Cardoso da Silveira Lima ⁽²⁾
Noé C. B. von Atzingen ⁽³⁾



Catasetum discolor Lindl., espécie bastante abundante, vegeta sobre o minério de ferro juntamente com *C. planiceps* Lindl.

Salvamento de Orquídeas na Área de Expansão da Mina de Ferro N5 na Flora de Carajás

Foto: André Cardoso



Ilustração botânica de *Liparis nervosa* (Thumb.) Lindl. em campo

Com os resultados das pesquisas geológicas mostrando perspectivas econômicas do potencial mineral, surgiram a necessidade, o interesse e a viabilidade de estudos mais detalhados (Silva, 1991). Em 1998, com o intuito de proteger esta área, o Governo Federal transformou a reserva biológica da Serra dos Carajás em Floresta Nacional através do Decreto 2.486 de 02/02/98.

Desde julho de 1993, a Fundação Zoológica de Carajás (FZC), em conjunto com a Sociedade Paraense de Orquidófilos (SPO) e a Fundação Casa da Cultura de Marabá (FCM), vem desenvolvendo pesquisas sobre a flora orquidológica da Serra dos Carajás (Silveira et al., 1995) como parte do projeto Flora Orquidológica do Estado do Pará (Ilkiu-Borges & Cardoso, 1996).

No início de 1998, a Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) propôs a elaboração de um projeto para o salvamento de orquídeas na área de expansão da mineração de ferro na Floresta Nacional de Carajás. Este trabalho, realizado entre março e dezembro de 1998, foi financiado pela FZC, SPO e FCM e principalmente pela CVRD. Foram coletadas 22.878 plantas, destinadas ao Projeto Banco de Germoplasma de Orquídeas da Amazônia da SPO, ao orquidário "Takashi Imai" da FZC e ao orquidário "Margareth Mee", da FCM. O salvamento realizou-se na jazida de ferro N5,

que é recoberta por uma camada de "canga hematítica". A canga hematítica representa um grau de intemperização do minério, sobre a qual cresce uma vegetação baixa, com poucos indivíduos de porte arbóreo, tomando aspecto de clareira bem destacada da floresta tropical circunvizinha (Silva, 1988). Essa vegetação contém uma pequena flora autóctone, herbácea, em face do número de espécies de porte arbustivo, com grande dispersão pela Amazônia (Projeto Radam Brasil, 1974). Essa vegetação chamamos de *esclerófila arbustiva*, de acordo com o conceito proposto pelo Projeto Radam Brasil. Etapas de campo mensais para o salvamento de orquídeas, no período de um ano, possibilitaram verificar *in loco* a época de floração destas espécies, além de várias observações ecológicas, possivelmente de todas as espécies que ocorrem no ecossistema esclerófilo arbustivo. Neste trabalho realizaram-se oito excursões de campo entre março e dezembro de 1998. As coletas foram realizadas principalmente na área de expansão imediata da mina N5. Inicialmente, eram coletadas todas as espécies aleatoriamente, pois eram consideradas de extrema importância. Com o decorrer das excursões de campo, devido ao grande número de indivíduos, foram eleitas espécies de rara ocorrência na FLORA Carajás, no Pará e na Amazônia, como prioritárias para o salvamento.

A fim de determinar se uma planta poderia ser considerada rara e, portanto, prioritária para salvamento, foi adotado o critério proposto por Rabnowiz *et al.* (1986), que leva em conta a distribuição geográfica, a especificidade de habitat e o tamanho da população local. A partir destes três parâmetros foram feitas perguntas por espécie. Se a espécie tem ampla distribuição geográfica ou é endêmica de uma área particularmente restrita, se ocorre em uma grande variedade de habitats ou em um habitat específico e se é encontrada em grandes ou pequenas populações.

Partindo destas perguntas, formulou-se um quadro para a população de orquídeas da Serra de Carajás. Com relação à distribuição geográfica extrapolamos os dados obtidos em Carajás para todo o Estado do Pará. Portanto, quando a planta for tratada como endêmica,



Vista geral do ecossistema "esclerófilo arbustivo" próximo à Mina N5

geralmente significa que Carajás é atualmente o único habitat conhecido desta espécie na Amazônia ou faz parte de uma região onde esta planta é endêmica. As estimativas populacionais e observações de especificidade de habitat referem-se exclusivamente a Carajás.

Avaliação de raridade em espécies de orquídeas na área de expansão da Mina N5

ESPÉCIES COLETADAS	Distribuição geográfica conhecida		Especificidade de habitat		Tamanho da população local	
	ampla	endêmica	pequena	grande	grande	pequena
<i>Aspasia variegata</i> Lindl.	X		X		X	
<i>Brassia caudata</i> (L.) Lindl.	X			X		X
<i>Bulbophyllum insectiferum</i> Barb. Rodr.	X			X		X
<i>Campylocentrum fasciola</i> (Lindl.) Cogn.	X			X		X
<i>Campylocentrum</i> cf. <i>amazonicum</i> Cogn.	X			X	X	
<i>Campylocentrum</i> cf. <i>micranthum</i> (Lindl.) Rolfe	X			X		X
<i>Campylocentrum pachyrhizum</i> (Rchb. f.) Rolfe	X			X		X
<i>Catasetum albovirens</i> Barb. Rodr.	X			X		X
<i>Catasetum discolor</i> Lindl.	X			X	X	
<i>Catasetum galeritum</i> Rchb. f.	X			X		X
<i>Catasetum macrocarpum</i> L. C. Rich.	X			X		X
<i>Catasetum multifidum</i> Miranda	X			X		X
<i>Catasetum planiceps</i> Lindl.	X			X	X	
<i>Catasetum pulchrum</i> N.E. Brown	X			X		X
<i>Cryptarrhena guillany</i> Pabst	X			X	X	
<i>Cryptarrhena lunata</i> R. Br.	X			X		X
<i>Cycnoches manoelae</i> P. Castro & Campacci		X		X		X
<i>Cyrtopodium glutiniferum</i> Raddi	X			X	X	
<i>Cyrtopodium poecillum</i> Rchb. f. & Warm	X			X		X
<i>Dichaea panamensis</i> Lindl.	X			X		X
<i>Dichaea</i> sp.		?		X		X
<i>Encyclia fragans</i> (Sw.) Lemée	X			X	X	
<i>Encyclia acuta</i> Schltr.	X			X		X
<i>Encyclia linearifolioides</i> (Krzl.) Hoehne	X			X		X
<i>Epidendrum coronatum</i> Ruiz & Pav.	X			X		X
<i>Epidendrum cristatum</i> Ruiz & Pav.	X			X		X
<i>Epidendrum nocturnum</i> Jacq.	X			X	X	
<i>Epidendrum purpurascens</i> Focke	X			X	X	

Continuação

ESPÉCIES COLETADAS	Distribuição geográfica conhecida		Especificidade de habitat		Tamanho da população local	
	ampla	endêmica	pequena	grande	grande	pequena
<i>Epidendrum incisum</i> Vell.	X			X		X
<i>Epidendrum smaragdinum</i> Lindl.	X			X		X
<i>Epidendrum strobiliferum</i> Rchb. f.	X			X	X	
<i>Habenaria</i> cf. <i>lasioglossa</i> Cogn.	X			X		X
<i>Habenaria</i> cf. <i>petalodes</i> Lindl.	X			X		X
<i>Ionopsis satyrioides</i> (Sw.) Rchb. f.	X			X		X
<i>Leucohyle brasiliensis</i> (Cogn.) Schltr.	X			X		X
<i>Liparis nervosa</i> (Thunb.) Lindl.	X			X	X	
<i>Lockhartia lunifera</i> (Lindl.) Rchb. f.	X		X		X	
<i>Maxillaria alba</i> (Hook.) Lindl.	X			X	X	
<i>Maxillaria setigera</i> Lindl.	X			X	X	
<i>Maxillaria superflua</i> Rchb. f.	X			X		X
<i>Mormodes paraënsis</i> Salazar & da Silva		X		X	X	
<i>Notylia barkeri</i> Lindl.	X			X	X	
<i>Notylia lyrata</i> Sp. Moore	X			X		X
<i>Notylia</i> sp 1		?		X	X	
<i>Notylia</i> sp 2		?		X		X
<i>Notylia venezuelana</i> Schltr.	X			X		X
<i>Notylia wulfschlaegelian</i> Focke.	X			X	X	
<i>Oeceoclades maculata</i> (Lindl.) Lindl.	X		X		X	
<i>Oncidium baueri</i> Lindl.	X			X	X	
<i>Oncidium cebolleta</i> (Jacq.) Sw.	X			X	X	
<i>Oncidium morenoi</i> Dodson & Luer	X			X		X
<i>Oncidium nanum</i> Lindl.	X			X		X
<i>Ornithidium parviflorum</i> (P & E) Rchb. f.	X			X		X
<i>Ornithocephalus</i> cf. <i>bicornis</i> Lindl.	X			X		X
<i>Ornithocephalus cujeticola</i> Barb. Rodr.	X			X		X
<i>Ornithocephalus gladius</i> Hook.	X			X	X	
<i>Plectrophora calcarhamata</i> Hoehne	X			X		X
<i>Pleurothallis</i> aff. <i>humilis</i> C. Schweinf.		?		X		X
<i>Pleurothallis pruinosa</i> Lindl.	X			X		X
<i>Polystachya concreta</i> (Jacq.) Garay & Dunsterv.	X			X		X
<i>Polystachya foliosa</i> (Hook.) Rchb. f.	X			X		X
<i>Polystachya</i> sp. 1		?		X		X
<i>Polystachya</i> sp. 2		X		X		X
<i>Polystachya stenophylla</i> Schltr.	X			X		X
<i>Psygmorechis glossomystax</i> (Rchb. f.) Dodson & Dressler	X			X		X
<i>Psygmorechis pusilla</i> Dodson & Dressler	X			X		X
<i>Quekettia microscopica</i> Lindl.	X			X		X
<i>Quekettia pygmaea</i> (Cogn.) Garay & Schultes	X			X	X	
<i>Rodriguezia lanceolata</i> Ruiz & Pav.	X			X	X	
<i>Sarcoglottis acaulis</i> (J.E.Sm.) Schltr.				X	X	
<i>Sarcoglottis grandiflora</i> (Lindl.) Kl.		X		X	X	
<i>Scaphyglottis amethystina</i> (Rchb. f.) Schltr.	X	X		X	X	
<i>Scaphyglottis gracilis</i> Schltr.	X			X	X	
<i>Scaphyglottis sickii</i> Pabst	X			X	X	
<i>Scelochilus paraguaënsis</i> Garay & Dunsterv.	X			X		X
<i>Sobralia</i> aff. <i>yauaperyensis</i> Barb. Rodr.	X			X		X
<i>Sobralia liliastrum</i> Lindl.	X			X	X	
<i>Spirantes</i> cf. 1		X		X	X	
<i>Spirantes</i> cf. 2		X		X		X
<i>Stanhopea grandiflora</i> (Lood.) Lindl.	X			X		X
<i>Stenorrhynchus lanceolatus</i> (Aubl.) L.C.Rich.	X			X		X
<i>Trichocentrum cornucopiae</i> Lindl. & Rchb. f.	X			X		X
<i>Triphora duckei</i> Schltr.	X		X		X	
<i>Uleiorchis</i> sp.		X		X		X
<i>Vanilla</i> sp.	X			X		X



Campylocentrum fasciola (Lindl.) Cogn, espécie que não havia sido registrada para a flora de Carajás

sp. 1, *Notylia* sp. 2, *Pleurothallis* cf. *humilis*, cf. *Spiranthes* 1 e cf. *Spiranthes* 2 aparentemente são raras, porém os dados ainda não são definitivos. Durante o salvamento foram encontradas nove espécies que ainda não haviam sido registradas para a flora de Carajás: *Campylocentrum fasciola*, *Cyrtopodium poecillum*, *Dichaea picta*, *Habenaria petalodes*, *Notylia lyrata*, *Notylia* sp., *Notylia venezuelana*, *Scaphyglottis gracilis* e *Uleiorchis* sp.

As exsicatas de material fértil coletado durante o projeto estão depositadas nos herbários da FZC e FCM. Além disso, foram feitos desenhos e aquarelas botânicas para auxiliar na identificação de espécies.

Agradecimentos

À Companhia Vale do Rio Doce, pelo suporte de nossas atividades de salvamento de orquídeas em Carajás; à Fundação Zoobotânica de Carajás, em especial a Fernando Dutra Moura Lima, pelo apoio logístico de nossas atividades em Carajás; à Fundação Casa da Cultura de Marabá; à Sociedade Paraense de Orquidófilos, pelo suporte de nossas viagens a Carajás; à Secretaria de Estado de Cultura do Pará e à Faculdade de Ciências Agrárias do Pará, pelo apoio dado à SPO para a realização destas atividades; ao Instituto Brasileiro de Meio Ambiente/PA, em especial ao Superintendente Paulo Maio Cury; ao IBAMA/FLORA CARAJÁS em especial a Orlando Alves Maia; aos técnicos da FZC que ajudaram nas atividades de campo; aos estagiários da Casa da Cultura de Marabá que participaram das atividades de campo; aos voluntários Andréa Carla da Silveira Araújo, Cecília Soraya Rocha de Almeida, Clovis Maurity, Edith Dione Fritche, Flávio Emanuel de Rezende Cardoso e Igor Koslovsk, que com seu entusiasmo e companheirismo ajudaram a tornar ainda maior o número de plantas salvas.

Analisando-se o quadro, encontraram-se algumas espécies de orquídeas que preenchem todos os critérios de raridade propostos, ou seja, área de ocorrência restrita, especificidade de habitat e população local pequena. Caso fossem extrapolados os dados relativos a estas espécies para toda a Amazônia, ainda assim, estes resultados continuariam bastante parecidos. De uma forma geral, todas as espécies que preencheram estes três critérios podem ser consideradas raras ou em grande perigo de extinção, com especial distinção a *Uleiorchis* sp., por se tratar de uma nova espécie para a ciência, que parece ter uma área de ocorrência extremamente pequena, com alta especificidade de habitat e população reduzida.

Algumas espécies que também merecem destaque são *Cynoches manoelae*, *Mormodes paraensis*. Outras, como *Dichaea* sp., *Notylia*



Equipe do Projeto e voluntários transportando as plantas coletadas na área de expansão da Mina N5

Bibliografia

- ▼ ILKIU- BORGES, A. L. & CARDOSO, A. L. de R. 1996. Notas Preliminares sobre a Flora Orquidológica do Estado do Pará, Brasil. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi, ser. Bot.* 12 (2): 183-205.
- ▼ PABST, G. F. & DUNGS, F. 1975. *Orchidaceae Brasiliensis*. Band I. Brücke- Verlag Kurt Schmiersow, 32 Hildesheim, Postfach 347.
- ▼ PABST, G.F. & DUNGS, F. 1977. *Orchidaceae Brasiliensis*. Band II. Brücke - Verlag Kurt Schmiersow, 32 Hildesheim, Postfach 347.
- ▼ PROJETO RADAM BRASIL. 1974. *Relatório de reavaliação da jazida de ferro N4 do distrito ferrífero da Serra dos Carajás*. (Levantamentos de Recursos Naturais). Folha SC. 22 Tocantins; Vegetação. Companhia Vale do Rio Doce - 1980. Rio de Janeiro, RJ, DNPM, 1:26-29.
- ▼ RABINOWITZ, D.; CAIRNS, S. ; DILLON, T. 1986. *Seven forms of rarity and their frequency in the Flora of the British Isles*. Conservation Biology. P. 182-204.
- SILVA, M. F. F. da. 1991. Análise Florística da Vegetação que cresce sobre Canga Hematítica em Carajás - Pará (Brasil). *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi, sér. Bot.* 7 (1): 79-107.
- ▼ SILVEIRA, E. C. da; CARDOSO, A. L. de R.; ILKIU-BORGES, A. L.; ATZINGEN. N. von. 1995. Flora Orquidológica da Serra dos Carajás, Estado do Pará. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. sér. Bot.* 11(1): 75-87.

(1) Sociedade Paraense de Orquidófilos - SPO. Laboratório de Sementes - Departamento de Fitotecnia da Faculdade de Ciências Agrárias do Pará. Av. Perimetral s/nº, Terra Firme, Caixa Postal 751, CEP 66.530-770, Belém-PA.

(2) Fundação Zoobotânica de Carajás - FZC. Av. Pindaré, s/nº, Caixa Postal 48, CEP 68.516-000. Serra dos Carajás-PA.

(3) Fundação Casa da Cultura de Marabá - Quadra Especial, Folha 31- Nova Marabá, CEP 68.508-970. Marabá - PA.

16th World Orchid Conference Vancouver

Foto: Roberto Agnes

Por Carlos Antonio A. de Gouveia

Foi realizada em Vancouver, no Canadá, de 29/4 a 2/5, a 16ª Conferência Mundial de Orquídeas. Ao dispor de instalações modernas e espaçosas, mais uma vez a família orquídea mundial pôde se congregar. Foi unânime entre os presentes o elogio à localização e à beleza da sede e suas cercanias.

Quando comparada à 15ª Conferência, realizada no Rio de Janeiro em 1996, vários depoimentos destacaram o fato de termos conseguido uma exposição de rara beleza e qualidade em nossa terra. No Canadá, tivemos as seções de palestras e painéis de elevado nível, mas a parte de exposição foi inferior ao anteriormente conseguido.

Destaque especial para a qualidade dos *Paphiopedilums* e *Phragmipediums* exibidos, mas, em termos de *Cattleyas*, foi observado pequeno número, e com qualidade abaixo da expectativa, a despeito de a grande campeã ter sido um híbrido tipo *Cattleya - Potinara Haw Yuan Gold*.

Na parte das palestras o enfoque principal foi a conservação e a preservação de orquídeas e seus aspectos relacionados. Armazenamento de políneas e sementes, habitats, injunções políticas e sociais, desmatamentos e comercialização de plantas foram objeto de trabalhos apresentados. O curioso foi uma



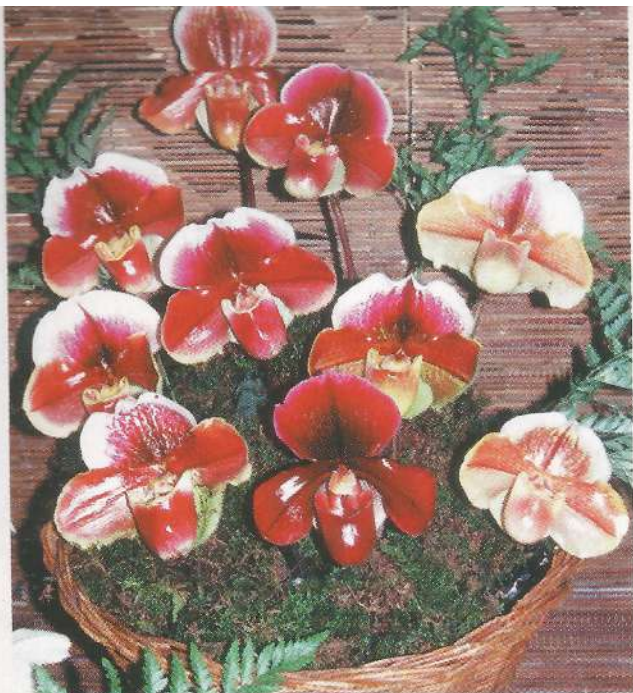
Paphiopedilum Prince Edward York, planta vice-campeã da Conferência, cultivada por Taiwan Floriculture

colocação preocupada com a preservação de alguns híbridos antigos, em real processo de extinção.

Chamaram muita atenção os estudos em sistemática molecular, que mostraram a necessidade de utilização destes recursos para melhor identificação e classificação dos gêneros e espécies, bem como maior clareza da evolução das espécies e da família como um todo.

Na seção de painéis, a grande vedete foram as pesquisas em virologia, mostrando a preocupação mundial com este problema e suas conseqüências.

Na seção poster destacamos a premiação do trabalho de David Miller e Dick Warren - Rio Atlantic Forest Trust. Warren, residente na Inglaterra, semeia as cápsulas produzidas no sítio de David e Isabel Miller em Macaé



Este grupo de *Paphiopedilums* híbridos, apresentado por Paphanatics, ganhou medalha de ouro pela qualidade excepcional das flores

de Cima, no Estado do Rio de Janeiro. Após crescimento *in vitro*, as plantas são reintroduzidas em seu habitat, onde os Miller fazem acompanhamento ecológico.

Foi marcado novo encontro, na 17ª WOC, em Shah Alam, na Malásia, em 2002. É grande a expectativa sobre a futura sede, uma vez que se encontra em pleno coração de um dos maiores pólos produtores do mundo. Em Vancouver foi também escolhida a sede da 18ª WOC, em 2005. Paris foi a cidade vencedora, para delírio de muitos que vêem a chance de lá unirem a paixão às orquídeas a uma venturosa visita à Cidade Luz. ▼



Foto: Roberto Agnes

Phragmipedium David Fisher
- Medalha de Prata, magnífico exemplar
exposto pela Ernest Young Orchid Foundation

Os expositores de Taiwan apresentaram magnífico grupo de *Phalaenopsis* rosa e branco



Foto: Roberto Agnes

Brasil em Vancouver



Como usual, o Brasil esteve presente em Vancouver, representado por *stands* de alguns de seus orquidários comerciais.

Tradicional freqüentadora de conferências, a *Florália*, mais uma vez, compareceu. Problemas com a recepção das plantas impediram que colocasse suas flores em julgamento, mas, como sempre, conseguiram muito sucesso, e as vendas atenderam às expectativas.

A *Chácara Bela Vista* fez sua estréia em terreno internacional, em parceria com o conhecido orquidário de César Wenzel, marcando uma posição ainda mais sólida de ambos.

A *Aranda* colecionou vários prêmios em seu *stand*, confirmando a sua tradição de qualidade e bom gosto.



Nossos orquidários

soluções domésticas

Por Maria da Penha K. Fagnani (*)

Cultivo orquídeas desde 1986, quando me filiei à OrquidaRio, na Exposição da Primavera, realizada, naquele ano, no Rio Design Center. Já escrevi um pouco sobre o meu início na orquidofilia em *Como Comecei* (Orquidário, vol. X, nº 2, p. 57). Naquele pequeno espaço, falo sobre as muitas dificuldades encontradas para cultivar orquídeas no local em que moro: um apartamento em Botafogo, Rio de Janeiro. Desde então, algumas pessoas me pediram para escrever sobre a maneira que encontrei para minimizar alguns destes problemas, e é isto que pretendo fazer aqui. Todas as soluções encontradas são específicas para o meu local de cultivo, mas, talvez, sirvam para outras pessoas que tenham aproximadamente as mesmas condições.

Uma questão comum em nossos contatos com os sócios é como fazer para cultivar orquídeas em espaços restritos, inóspitos como um apartamento ou uma casa com pouca área. A criatividade e o amor pelas orquídeas vêm promovendo milagres e não são poucas as histórias de iniciativas bem-sucedidas.

Assim sendo, decidimos lançar esta seção, onde os leitores trarão contato com histórias de orquidófilos que conseguiram achar resposta para suas limitações. Começamos com Maria da Penha Fagnani, que consegue em sua cobertura em Botafogo manter uma bela coleção, com plantas de grande variedade e cultivo invejável. Convidamos todos que tenham experiências a oferecer para participar desta seção. Temos certeza de que a orquidofilia brasileira só tem a ganhar com a troca de informações que, esperamos aqui, venha a acontecer.

Local de cultivo:

Terraço de um apartamento de cobertura (8º andar) num prédio em Botafogo, coberto parcialmente por uma marquise; área de 30m², com pé direito alto, chão com revestimento cerâmico e paredes com pastilhas.

Condições de cultivo:

- ▼ **Luminosidade:** muita luz o dia todo, sol da tarde a partir das 11h.
- ▼ **Arejamento:** geralmente bem arejado; ocasionalmente vento com rajadas fortes.
- ▼ **Umidade:** o local tem naturalmente um pouco de umidade à noite e pela manhã cedo, pois tem vista frontal para o Corcovado e à mata que ainda existe nas encostas da montanha.
- ▼ **Temperatura:** no verão, máxima de 36°C, à sombra, e mínima de 18°C no inverno.

Recursos usados para melhorar as condições de cultivo:

Sem ter nenhuma pretensão de fazer paisagismo, sempre tive em mente integrar o terraço ao resto do apartamento; isto às vezes limitou um pouco a escolha dos materiais usados para melhorar as condições de cultivo.

Para controlar o sol direto à tarde, não pude usar o sombrite utilizado pela maioria dos cultivadores, mas a uma firma de toldos encomendei cortinas confeccionadas com um tecido que quebra 30% da luz, numa cor que não destoia do resto do ambiente. Estas cortinas, juntamente com um toldo fixo e uma treliça de madeira, ajudam a filtrar o sol e tornam o ambiente suportável no verão. No inverno, as cortinas não são usadas. O plantio de arvoretas em caixas d'água colocadas bem na frente do terraço foi de grande valor para diminuir a força do vento e da chuva e aumentar a umidade do

ambiente. Estas arvoretas servem, também, como suporte para várias orquídeas e bromélias. Tenho pitangueira, goiabeira e jabuticabeira que dão frutos e, também, Alamanda, Bouganville, Ixora, Dracena, Espirradeira e Ficus. O problema em ter estas arvoretas é que elas precisam de cuidados e tomam muito o meu tempo, mas, sem elas, não teria conseguido criar um microclima adequado. Um dos benefícios adicionais das arvoretas plantadas em caixas d'água é que elas impedem que o sol incida diretamente sobre o chão de cerâmica; nos espaços em que há incidência direta do sol, o chão fica tão quente no verão, que queima os pés, e isto, naturalmente, aumenta a temperatura ambiente, com grande evaporação e perda de umidade. Um bom recurso para refrescar o ambiente sem molhar excessivamente as orquídeas é jogar água sobre as paredes e o chão, deixando evaporar naturalmente. Tenho, também, algumas plantas menores como *Spathifilium* e *Anturium*, que colocadas num plano abaixo das orquídeas ajudam a manter a umidade. Não posso deixar de dar ênfase às bromélias como mantenedoras da umidade, e uma grande descoberta para mim foi o cultivo da *Tillandsia usneoides* (barba de velho), que, colocadas nos galhos das arvoretas, filtram o sol e são muito decorativas. Só tive certeza de que a aridez do terraço tinha diminuído significativamente quando germinaram de

Vista parcial da varanda. Observe o toldo (à esquerda) que Penha usa para filtrar o sol forte do verão





forma espontânea algumas plântulas de *Brassavola perrinii* Lindl. (das quais duas já floriram) e *Tillandsia* sp.

Recipientes e substratos:

Durante muito tempo só usei vasos de cerâmica, por ter ouvido, muitas vezes, bons cultivadores repetindo que só os recipientes de cerâmica eram bons, pois permitiam a evaporação rápida, evitando o excesso de umidade tão prejudicial às orquídeas. De alguns anos para cá percebi que no meu caso específico os vasos de plástico talvez fossem mais adequados, pois era preciso aumentar a umidade local. Comecei a experimentá-los e fui obtendo sucesso com algumas plantas que antes não conseguia cultivar. Por serem os vasos plásticos mais leves, passei a usar brita no fundo dos recipientes para evitar que virassem com o vento. Outra grande vantagem do plástico é que os vasos são bem mais fáceis de lavar e esterilizar. Uma desvantagem é que não podem ser usados para plantas que precisam de sol pleno, como os *Cyrtopodium*, pois o plástico esquenta muito no verão e isto pode prejudicar as plantas. Quanto ao substrato, a maioria das orquídeas é cultivada em xaxim desfibrado. De algum tempo para cá venho

Observe o piso de cerâmica, molhado para aumentar a umidade, e as mesas com rodinhas

experimentando outros substratos, como o coxim, com bons resultados, embora o número de plantas cultivadas em coxim ainda seja pequeno. Uma grande vantagem do coxim é que as pombas, que infelizmente me visitam com frequência, não conseguem levar o coxim para os seus ninhos, enquanto que o xaxim é freqüentemente levado, principalmente quando a orquídea está recém-plantada.

Mesas:

A maior parte das orquídeas é cultivada em vasos que ficam sobre mesas de ripas de madeira, com rodízios que permitem o deslocamento fácil. Isto é muito importante para facilitar a limpeza do chão e, também, para acompanhar a luz do sol, cuja incidência muda com as diferentes estações do ano. Tenho, ainda, vasos sobre prateleiras de ferro vazadas, presas às paredes. Aproximadamente 30% das plantas ficam penduradas em cestinhas de sarrafos de madeira ou placas e palitos de xaxim.

Métodos de cultivo:

▼ **Irrigação:** Molho as plantas com mangueira, geralmente em dias alternados. O jato dirigido da mangueira me permite molhar somente o substrato em algumas plantas, como faço geralmente com as *Catasetineas*. No inverno, eu molho muito menos, especialmente as plantas que perdem as folhas e ficam em repouso nesta época, como *Catasetum* e alguns *Dendrobium*, por exemplo.

▼ **Adubação:** De alguns anos para cá, venho usando adubação foliar por aspersão com os produtos Dyna-Gro. Adubo uma vez por semana, sendo duas semanas seguidas para crescimento geral e a cada terceira semana para floração. As doses são pequenas: 3 a 4 gotas por litro. A cada 3 meses uso torta de mamona fina aplicada sobre os vasos e cestinhas. Faço, também, ranhuras nas placas e palitos de xaxim e espalho a mamona (antes de qualquer adubação as plantas são molhadas e o substrato

está úmido). No inverno não uso mamona e a adubação foliar é reduzida ao mínimo, sendo que algumas plantas que florescem no fim do inverno e início da primavera se beneficiam da adubação para induzir a floração.

▼ **Pragas & doenças:** no início, tive muitos problemas e uma dificuldade adicional: como usar defensivos agrícolas num apartamento sem causar danos aos seus moradores? Cada vez que ia aplicar pesticida ou fungicida, vedava portas e janelas que separam o terraço do resto do apartamento, protegia-me toda e afastava as pessoas que moram aqui, impedindo que chegassem ao terraço durante 48 horas. Com troca de idéias com outros orquidófilos e muitas leituras, hoje faço o seguinte:

a) não amontoar plantas, deixando um espaço entre elas;

b) inspeciono quase todo dia e tomo logo providências para sanar qualquer problema;

c) para as cochonilhas, a primeira coisa que faço é separar a planta e usar cotonete molhado em álcool isopropílico para limpar as partes afetadas; deixo secar e depois de algum tempo passo uma escova de dentes e a maioria das cochonilhas se solta. Pulverizo, então, com uma solução que se encontra pronta em lojas de artigos para jardinagem (o Jardineiro, por exemplo, cuja substância ativa é o Malathion). Isto também serve para outros insetos como pulgões lanosos;

Dez plantas que estão comigo desde a fase inicial com boas florações.

(A data se refere à entrada no meu cultivo.)

- ▼ *Dendrobium aggregatum* Paxb. (1986)
- ▼ *Oncidium ciliatum* Lindl. (1987)
- ▼ Lc. Molly Tyler (1987)
- ▼ *Catasetum fimbriatum* (Moren) Lindl. (1987)
- ▼ *Brassia lawrenceana* Lindl. (1987)
- ▼ *Oncidium fleuosum* Sims. (1988)
- ▼ *Cyrtopodium paranaense* Schltr. (1989)
- ▼ *Bulbophyllum medusae* (Lindl.) Rchb.f. (1990)
- ▼ *Oncidium cebolleta* Sw. (1990)
- ▼ *Cattleya Portia* var. *caerulea* (1990)

d) uso de dois anos para cá o Protekt da Dyna-Gro. No início fiz aspersão foliar de 15 em 15 dias, mas, à medida que as folhas se tornaram mais limpas, passei a usá-lo somente uma vez por mês. Não tenho tido necessidade de usar fungicida em aspersão geral, o que muito me alivia, pois alguns fungos são benéficos para as orquídeas, como os que participam da simbiose micorriza.

Conclusão:

Até agora, não disse quantas orquídeas mantenho no meu terraço. Atualmente são 200, mas já tive mais que o dobro, que constituíam um ajuntamento indiscriminado. Havia de tudo: orquídeas de outros climas como *Sophranits coccinea*, *Miltoniopsis*, *Paphiopedilum*, espécies botânicas de altitude, híbridos diversos etc. Até mesmo para *Phalaenopsis* que precisa de calor, o verão foi muito quente e tive de desistir de cultivar. Perdi muita coisa e doei outras plantas para a casa de amigos em Friburgo e Teresópolis. Minha coleção é variada. Muitas orquídeas que estão comigo vão bem e florescem, mas tenho algumas em observação, pois não estou certa de que vão se adaptar. Este processo é dinâmico e penso que terei sempre plantas entrando e saindo do meu local de cultivo. Inicialmente, tentei dar ênfase a alguns gêneros, mas aprendi que, em geral, só algumas espécies de cada gênero vão se adaptar. Como exemplo, cito o gênero *Maxillaria*; dentre as muitas espécies que adquiri, só consegui sucesso com *Max. luteoalba* Lindl. e *Max. tenuifolia* Lindl. Tenho no meu terraço, entre outros, *Cyrtopodium*, *Brassia*, *Catasetum*, *Oncidium*, *Dendrobium*, *Miltonia*, *Mormodes* e *Bulbophyllum*. Tenho, ainda, algumas *Vandáceas* e híbridos de *Cattleya*; destes, perdi muitíssimos e só comecei a ter sucesso quando passei a prestar atenção na linhagem do híbrido e nas condições climáticas do orquidário de origem.

Continuo querendo aprender a cultivar e conhecer melhor as orquídeas e estou pronta para mudar qualquer coisa, desde que seja para melhor. ▼

(*) Maria da Penha K. Fagnani - Rua das Palmeiras, 93/803, Botafogo - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22270-070

ERRATAS

Na página 110, linha 7, segunda coluna, do vol. 12, nº 4, em vez de Pabst & Dungs, foi impresso Pabst & Lungs.

Na matéria *Cyrtopodium roraimense*, uma nova espécie de flores amarelas, os nomes das fotos das páginas 102 e 103, vol. 12, nº 4, estão trocados. Na foto da página 102 onde saiu *Cyrtopodium glutiniferum*, leia-se *Cyrtopodium polyphyllum*, e na página 103, onde saiu *Cyrtopodium polyphyllum*, leia-se *Cyrtopodium glutiniferum*.

Esta ilustração, de autoria de Dulce Nascimento, deveria ter sido publicada no número anterior da revista *Orquidário*, por fazer parte do artigo *Eltroplectris triloba*, uma espécie pouco conhecida de Maria da Penha K. Fagnani, Sylvio R. Pereira e Dulce Nascimento, pág. 113, vol. 12, nº 4.



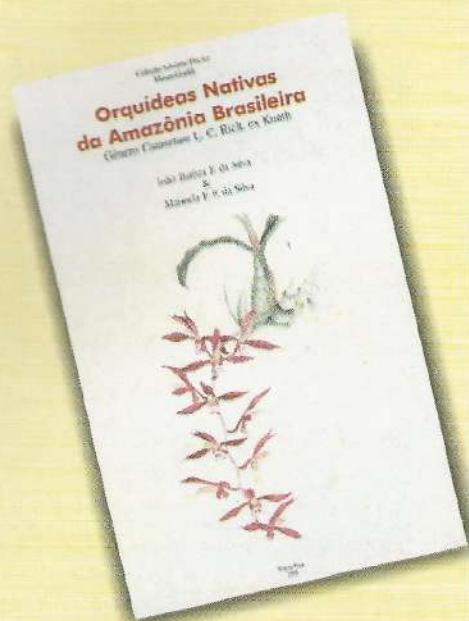
NAS LIVRARIAS

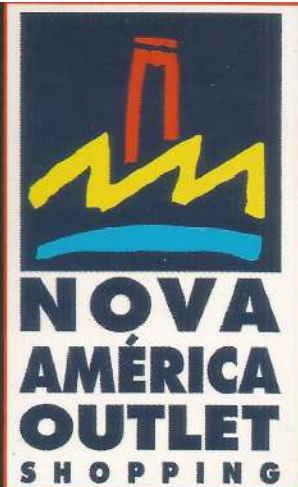
Orquídeas Nativas da Amazônia Brasileira

O orquidólogo João Batista F. da Silva e a Doutora em Botânica, Mandela F. F. da Silva, lançaram o livro *Orquídeas Nativas da Amazônia Brasileira*.

Com a descrição de 42 espécies do gênero *Catasetum* L.C. Rich ex Kunth (dentro de um grupo de aproximadamente 100 espécies) válidas para a ciência e 17 novas espécies em processo de validação.

Essa publicação é parte do projeto *Estudo e Conservação de Orchidaceae na Amazônia Brasileira*, desenvolvido pelo Museu Goeldi. Para você que gosta e cultiva *Catasetum*, esse é um importante livro para consultas.





BOM, BONITO E OUTLET.

O Nova América não é um shopping barato. Até porque, de barato já basta o conserto que fizeram no seu carro, o vinho que serviram naquela festinha do escritório e o perfume da sua vizinha fofoqueira. Não, o Nova América não é barato. O Nova América é outlet. A diferença? Qualidade. Aqui, pagar pouco não é desculpa para não vender as melhores marcas e produtos do Brasil. Isto não é promessa. É contrato. Quem abre uma loja no Nova América assina um documento, comprometendo-se a vender seus produtos por preços abaixo do mercado. Quem faria um negócio destes? Levi's, Sandpiper Off, Hiper Casa & Vídeo, Vila Romana, Renner & Vicunha, Cia das Marcas by Maria Bonita, No Tag Folic e Mark Store Chocolate Loft. Enfim, estas e as melhores marcas do Brasil, por um preço muito, digamos, outlet.

L I N H A A M A R E L A S A Í D A 5 - M E T R Ô D E L C A S T I L H O